

O LETRAMENTO INCLUSIVO DA LÍNGUA FRANCESA EM ESCOLAS PÚBLICAS DO RIO DE JANEIRO

Suzana Darlen dos Santos Santaroni Teixeira (UERJ)
suzy_sant@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo tem como tema o ensino inclusivo do idioma francês na educação básica, tendo em vista a relevância do letramento consciente e crítico que considera as diferenças linguísticas, culturais, sociais e cognitivas. O objetivo é refletir sobre o atual formato do processo de letramento da língua francesa para alunos com necessidades educacionais especiais da educação básica. As ideias da investigação estão fundamentadas em análises teóricas de estudiosos, Legey (1985), Martelotta (2011), Sato (2012), Soares (2005), Vygotsky (1989), entre outros que apresentam considerações relevantes sobre língua, linguagem, letramento, educação especial, inclusão, ensino e aprendizagem. O texto está ancorado em afirmações que evidenciam a importância do conhecimento de línguas estrangeiras, da inclusão e do desenvolvimento de todos os indivíduos presentes no processo de ensino e aprendizagem a partir de questionamentos sobre a participação dos alunos com necessidades educacionais específicas, o papel da comunidade escolar e das políticas de letramento na formação de indivíduos bilíngues, além de indagações sobre a eficácia dos materiais didáticos utilizados na inclusão dos aprendizes.

Palavras-chave:

Inclusão. Letramento. Língua francesa.

ABSTRACT

The present study has as its theme the inclusive teaching of the French language in basic education, in view of the relevance of conscious and critical literacy that considers linguistic, cultural, social and cognitive differences. The aim is to reflect on the current format of the French language literacy process for students with special educational needs in basic education. The research ideas are based on theoretical analyzes by scholars, such as Legey (1985), Martelotta (2011), Sato (2012), Soares (2005), Vygotsky (1989), among others that present relevant considerations about language, language, literacy, special education, inclusion, teaching and learning. The text is anchored in statements that show the importance of knowledge of foreign languages, the inclusion and development of all individuals present in the teaching and learning process from questions about the participation of students with specific educational needs, the role of the community education and literacy policies in the training of bilingual individuals, in addition to inquiries about the effectiveness of teaching materials used in the inclusion of apprentices.

Keywords:

Inclusion. Literacy. French language.

1. Introdução

Este artigo apresenta reflexões teóricas sobre o ensino inclusivo do idioma francês na educação básica, tendo em vista a relevância do letramento consciente e crítico que considera as diferenças linguísticas, culturais, sociais e cognitivas. Objetiva-se refletir sobre o atual formato do processo de letramento da língua francesa para alunos com necessidades educacionais especiais da educação básica.

O estudo está ancorado na necessidade de entender o processo de inclusão e desenvolvimento desses alunos, levando em consideração o crescimento do número de pessoas bilíngues. A motivação está abarcada também na busca pela valorização da língua estrangeira em escolas públicas e na abrangência de subsídios teóricos e reflexões que visam a prática de ensino crítica e consciente, pautando-se em refletir sobre as principais dificuldades presentes no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira para alunos com necessidades educacionais especiais da educação básica e pública. Por isso, faz-se necessário perguntar: Como se caracteriza o estímulo à participação crítica, à autonomia, à colaboração e ao desenvolvimento linguístico de todos os aprendizes no processo de letramento do Francês Língua Estrangeira da educação básica?

Sendo assim, o texto enquadra-se na área de Linguística Aplicada, e está centrado em questões de ensino bilíngue na Educação Especial, analisando a presença da língua francesa em escolas públicas do Rio de Janeiro. Segundo Martelotta (2011), a Linguística Aplicada tem sua origem alicerçada nos estudos sobre o ensino de línguas, sobretudo o de línguas estrangeiras. E, com os estudos de Diez e Santaroni (2014), observamos que

[...] a Linguística Aplicada insere-se na área de Linguística por se tratar de uma disciplina voltada para os estudos da linguagem, porém não tem o seu objetivo voltado para a descrição da língua em si mesma. (Diez e Santaroni (DIEZ; SANTARONI 2014, p. 177)

As suas investigações costumam buscar aportes em outras ciências sociais, como a antropologia, a teoria educacional, a psicologia e a sociologia da aprendizagem, da informação, do conhecimento, etc., por isso, é considerada uma área temática interdisciplinar. Dessa maneira, a Linguística Aplicada oferece suporte para este trabalho, que se concentra no ensino de francês como língua estrangeira.

2. *O ensino de língua francesa para alunos com necessidades educacionais específicas: uma reflexão teórica.*

Compreende-se que a linguagem é uma ferramenta cultural do ser humano, sendo uma “necessidade natural da espécie humana” por apresentar a função comunicativa, porém “ela não se manifesta de maneira natural. Ela deve ser aprendida. No caso da linguagem verbal, ela deve ser aprendida sob a forma de uma língua, a fim de se manifestar por meio de atos de fala (...)” (FIORIN, 2013, p. 13 e 14). A importância da linguagem apresenta um leque de possibilidades, dentre elas está: perceber o mundo, categorizar a realidade, realizar interações, informar, influenciar, exprimir sentimentos e emoções, criar e manter laços sociais, falar da própria linguagem, ser lugar e fonte de prazer, estabelecer identidades, agir no mundo e criar novas realidades. (FIORIN, 2013, p. 30) Essa definição de linguagem abrange todas as nuances que envolvem o conhecimento de uma nova língua, fazendo-nos perceber a grande abrangência que permeia o ensino de uma ou várias línguas na escola pública.

Isto posto, é necessário compreender alguns conceitos que englobam o ensino da língua francesa, dentre eles a alfabetização e o letramento. Segundo Soares (2005, p. 47), a alfabetização corresponde a “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever”, e entendemos que o letramento pode ser compreendido como “um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder” (KLEIMAN, 1995, p. 11). Esse ponto de vista sobre o letramento leva-nos a pensar sobre o uso da língua em diferentes contextos sociais e culturais, já que ela é formada por diferentes valores, funções e configurações, de acordo com o grupo linguístico, o contexto de uso e os referenciais culturais específicos (SOUZA, 2009). Dessa forma, o processo de ensino e aprendizagem do idioma francês está direcionado ao uso linguístico, tendo em vista todos os aspectos que circundam essa ação, já que a língua é usada em diferentes sociedades, que são caracterizadas pelas heterogeneidades culturais e linguísticas. Sato (2012, p. 706) ressalta que “os letramentos diários são usos da leitura e da escrita que integram a rotina das pessoas em diferentes contextos.” E, no âmbito escolar, eles podem ser vistos nos murais, nas salas, nos corredores, etc., permitindo que o uso da leitura e da escrita apresente configurações e objetivos singulares. (SATO, 2012)

É relevante evidenciar que “o objetivo da educação é o homem, seu desenvolvimento pleno, suas aptidões e potencialidades. Cabe à esco-

la e, portanto, ao professor estimularem esse desenvolvimento.” (LEGEY, 1985, p. 7). Com base nessa concepção, entende-se que as disciplinas escolares, ademais do ensino da leitura e da escrita, necessitam ser vistas como ferramentas para esse desenvolvimento e não fins em si mesmas (LEGEY, 1985). Isto é, o ensino da língua francesa precisa ser analisado de forma a constatar as possibilidades de inclusão e o desenvolvimento linguístico do aluno, direcionado ao progresso não somente da prática leitora e da escrita, mas também ao uso dessas capacidades de forma crítica, considerando as competências individuais, pois no ensino de LEs¹ “deve-se fundamentar nas potencialidades de cada um e nunca nas suas deficiências ou carências” (LEGEY, 1985, p. 7)

Tendo em mente o desenvolvimento linguístico eficaz dos aprendizes com NEE², é válido verificar os aparatos pedagógicos e o ambiente disponível para o processo de letramento inclusivo, já que para Legey (1985):

O ambiente de uma sala de aula é justamente o meio onde ocorre o processo ensino-aprendizagem. Esse ambiente pode estimular e promover a aprendizagem, ou inibi-la e levar a criança a rejeitá-la. Critérios de seleção de material devem ser cuidadosamente observados pelo professor quando da organização desse ambiente estimulador do desenvolvimento. (LEGEY, 1985, p. 8, 9)

Ainda, sobre essa temática, a autora destaca que:

A “Livre Escolha” e o “Trabalho Diversificado”, linhas-mestras na direção deste trabalho, fundamentam e expressam a filosofia de vida e educação, e garantem o desenvolvimento pleno e natural de todas as crianças qualquer que seja o seu tipo, nível ou situação de desenvolvimento e cultura. (LEGEY, 1985, p. 7)

Assim, entende-se que a sala de aula e os materiais usados no letramento do idioma francês devem ser organizados de modo a propiciar o estímulo e a integração dos alunos, independentemente de suas características (sociais, culturais ou cognitivas). Considera-se importante despertar o interesse pela aprendizagem de línguas estrangeiras, permitir ações favoráveis à aprendizagem e suscitar a motivação e a intenção de aprender a língua estrangeira. (DIAS, 2014, p. 4)

A colaboração entre os alunos, isto é, a interação entre eles, é um meio favorável ao estímulo do interesse dos alunos. Segundo Silva

¹ Línguas Estrangeiras

² Necessidades educacionais especiais.

(2010) as atividades escolares devem ser pensadas considerando suas oportunidades de interação, para que haja eficácia no desenvolvimento e progresso de todos os alunos. Para tal abordagem, a estudiosa destaca as análises de Vygotsky, possibilitando a abrangência de ideias com relação ao processo de ensino e aprendizagem do Francês Língua Estrangeira na educação especial, à inclusão de alunos com necessidades educativas especiais e à interação dos alunos. Nos estudos de Costa, lemos que:

O efeito do déficit/defeito na personalidade e na constituição psicológica da criança é secundário porque as crianças não sentem diretamente seu estado de handicap. As causas primárias, a sua dita forma especial de desenvolvimento são as limitadas restrições colocadas na criança pela sociedade. É a realização sociopsicológica das possibilidades da criança que decide o destino da personalidade, não o déficit em si. (VYGOTSKY, 1989 *apud* COSTA, 2006, p. 235)

Ou seja, a dificuldade apresentada pela criança não deve ser considerada como fator que impede o seu aprendizado. O aluno aparentemente limitado por alguma deficiência não pode ser observado por uma ótica que o torna menos capaz, pois o aprendiz que se desenvolve de modo distinto demanda apenas cuidados e procedimentos diferenciados que visam sua inclusão e progresso.

O ensino inclusivo é responsável pelo desenvolvimento e progresso educacional de alunos que apresentam necessidades de aprendizagem diferenciadas, dessa forma o letramento de Francês Língua Estrangeira direcionado a esse viés apresenta uma possibilidade de transformação. Vale afirmar que “a mudança geradora de uma educação inclusiva é um dos grandes desafios da educação de hoje porque imputa à escola a responsabilidade de deixar de excluir para incluir e de educar a diversidade dos seus públicos” (SANCHES, 2005, p. 128). Essa ideia está centrada numa metodologia de ensino e aprendizagem que considera as particularidades e a evolução de cada aprendiz, não havendo exclusão pela sua cor, raça, cultura, religião, deficiência mental, psicológica ou física (SANCHES, 2005).

Sendo assim, é relevante ressaltar que compreende-se educação especial “como um conjunto de medidas e recursos (humanos e materiais) disponibilizados aos alunos com necessidades educacionais especiais para favorecer adequado desenvolvimento escolar” (DOMINGOS, 2005, p. 78). Sobre isso, Oliveira (2004 *apud* DOMINGOS, 2005, p. 78) evidencia que essa modalidade de ensino é destinada aos indivíduos que apresentam NEE, isto é, os alunos que demandam metodologias e ferramentas diferenciadas durante o processo de ensino-aprendizagem, de

acordo com suas especificidades que podem ser originárias de: deficiência sensorial (auditiva ou visual), deficiência motora, deficiência cognitiva, altas habilidades, transtornos psicomotores, doenças crônicas, transtornos de personalidade, autismo, psicoses, síndromes, deficiência múltipla, inadaptação social e dependência química.

Isto é, a educação especial visa ensinar as pessoas com NEE, tornando o processo de ensino e aprendizagem inclusivo. Dessa forma, entende-se que a “inclusão surge, então, como um meio para reestruturar a organização escolar, para fazer com que os alunos com dificuldade de aprendizagem, os alunos indisciplinados e os alunos com deficiência façam parte, de fato, da comunidade escolar” (OCNEM, 2006 p. 91).

Acreditamos que a reflexão sobre a inclusão e a aceitação da heterogeneidade na sala de aula é um posicionamento atribuído aos docentes que desempenham uma prática crítica no que concerne a sua atuação no processo de ensino e aprendizagem. Segundo Freire (1996):

A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. (FREIRE, 1996, p. 38)

Portanto, a função do educador ultrapassa a ação de transmitir conhecimento ou conteúdos programados, abrangendo, dessa forma, o seu papel na sociedade e a sua importância para a formação de seres autocríticos e entendedores da própria atuação no mundo. Depreende-se que “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (p. 38). além disso, podemos enfatizar que “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (p. 39). Ou seja, o ato de analisar ponderadamente sobre questões inerentes a forma como ocorre ou deveria ocorrer o processo de ensino e aprendizagem é pertinente de acordo com os aportes de Paulo Freire (1996), tornando possível vislumbrar uma prática formadora de sujeitos capazes de produzir conhecimento e agir no meio em que vivem. Com isso, esse estudioso nos ajuda a pensar sobre uma educação problematizadora, que questiona a prática de ensino através da reflexão crítica, visando transformá-la.

3. Considerações finais

As reflexões aqui expostas estão ancoradas em afirmações que evidenciam a importância do conhecimento de línguas estrangeiras, da inclusão e do desenvolvimento de todos os indivíduos a partir de questionamentos sobre a participação dos alunos com necessidades educacionais específicas no ensino da língua francesa e a importância de tal ação para a formação de indivíduos bilíngues. Além disso, o texto faz observações sobre a eficácia dos materiais didáticos utilizados, entendendo que o ensino de LEs deve ocorrer de forma inclusiva, tendenciando ao pleno desenvolvimento linguístico de todos os aprendizes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Dóris Anita Freire. Superando limites: a contribuição de Vygotsky para a educação especial. *Revista Psicopedagogia*, v. 23, n. 72, p. 232-40. 2006.

DIEZ, Xoán C. Lagares; SANTARONI, Suzana D. dos Santos. Representações da francofonia: uma abordagem crítica sobre o uso e o desuso de livros didáticos na formação de professores de Francês Língua Estrangeira. *Cadernos do CNLF*, v. XVIII, n. 10 – Línguas Clássicas, Textos Clássicos, Línguas Estrangeiras e Tradução. Rio de Janeiro: CIFE-FIL, 2014.

DOMINGOS, Marisa Aparecida. *A escola como espaço de inclusão: sentidos e significados produzidos por alunos e professores no cotidiano de uma escola do sistema regular de ensino a partir da inclusão de alunos portadores de necessidades educacionais especiais*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação – Belo Horizonte, 2005.

FIORIN, José Luiz. A linguagem humana: do mito à ciência. In: _____. (Org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013, p. 13-44.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra AS, 1996.

LEGEY, Eliane Prista; SOARES, Gilda Menezes Rizzo. *Fundamentos e metodologia da alfabetização: método natural*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo. Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Saberes, Imaginários e Representações na Educação Especial: a problemática ética da diferença e da exclusão social*. Petrópolis: Vozes, 2004.

SANCHES, Isabel. Compreender, agir, mudar, incluir. Da investigação-ação é educação inclusiva. *Revista Lusófona de Educação*, 5, p. 127-42. 2005.

SATO, Denise Tamaê Borges; MAGALHÃES, Isabel; JÚNIOR, José Ribamar Lopes Batista. Desdobramentos recentes da educação inclusiva no Brasil: discursos e práticas de letramento. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 12, n. 4, p. 699-724, 2012.

Secretaria de Educação Básica: Ministério da Educação. *Orientações curriculares para o ensino médio – Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: 2006.

SILVA, Cleber Cesar da. *A prática pedagógica de um professor de espanhol para alunos com necessidades educacionais especiais em uma escola de Pires do Rio-GO*. Monografia do Curso de Especialização em Linguística Aplicada / Universidade Federal de Goiás. 2010.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VYGOTSKY, L. S. *Obras completas. Tomo cinco: Fundamentos de Defectologia*. Havana: Editorial Pueblo Y Educación. 1989.